



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**O RIO DE JANEIRO NAS CRÔNICAS DA COLUNA A CIDADE**

Lara Jogaib\*

Os gansos e marrecos do Passeio Público andam espantados...  
[...] A tribo dos palmípedes vive assombrada, depois que há iluminação farta e música alegre no terraço, fonte luminosa no jardim, grande massa de povo pelas alamedas perfumadas. Até agora, o povo não passava do botequim, onde ia ouvir alguns garganteios brejeiros e beber alguns *chopps*. [...] Deus me livre de ali ver, outra vez, os convescotes de antanho! Essa história de *pic-nics* em jardins públicos já não é compatível com a nossa civilização<sup>1</sup>.

O trecho que abre este artigo faz parte da crônica escrita em 5 de junho de 1903 por X., pseudônimo do literato Paulo Barreto – conhecido como João do Rio –, que publicada na coluna *A Cidade*, do jornal *Gazeta de Notícias*. Nesse momento, o Rio de Janeiro vivenciava o processo de urbanização comandado pelo presidente Rodrigues Alves e pelo prefeito Pereira Passos. A intenção deles – ilustrada na crônica acima – não era apenas mudar a aparência física da cidade, mas tornar os hábitos da população adequados à nova realidade, transformando a capital federal numa referência de modernidade para as demais cidades brasileiras.

\* Mestre pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

<sup>1</sup> *Gazeta de Notícias*, *A Cidade*, X., 13 de junho de 1903, p.1.

Alves havia assumido a presidência da República no ano anterior, comprometendo-se com o saneamento da capital federal bem como à realização de melhoramentos na região portuária da cidade<sup>2</sup>. O presidente nomeou para a prefeitura, Pereira Passos que estudou engenharia na Escola Militar e fez sua formação técnica em Paris<sup>3</sup>, onde pode acompanhar Eugène Haussmann transformar a cidade na capital do século XIX durante o governo do imperador Napoleão III.

Foi nessa cidade em transformação que viveu Paulo Barreto, um carioca apaixonado pelo Rio de Janeiro e entusiasta do processo de modernização. Em sua breve vida, entre 1881 e 1921, procurou conhecer os diferentes cantos da cidade, indo das altas rodas da sociedade até os lugares onde eram praticados os hábitos mais populares. Ele utilizou seu dom de escrever para retratar o aquilo que via em suas andanças por entre esses espaços nas páginas de jornais como *Gazeta de Notícias*, *Cidade do Rio*, *O País*, *Correio Mercantil* e revistas como a *Kosmos*, *O Coió* e *Ilustração Brasileira*, nos quais trabalhou. Escreveu também livros, peças teatrais, contos, conferências, críticas e traduções, totalizando algo em torno de 2500 textos<sup>4</sup>.

Este trabalho tem como proposta, justamente, olhar a cidade construída por Paulo Barreto, sob o pseudônimo de X.<sup>5</sup>, no exato momento em que as transformações estão acontecendo. Para tanto, utilizaremos as crônicas escritas por ele entre 1903 e 1904 na coluna *A Cidade*. Com esses textos, ele, que ainda não havia se firmado como literato e estava em início de carreira<sup>6</sup>, nos proporcionou uma rica fonte de informação sobre o período, uma vez que retratou o Rio de Janeiro em que viveu utilizando sua experiência

<sup>2</sup> Manifesto inaugural de 1902 do presidente Rodrigues Alves. Disponível no site: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/rodrigues-alves/Discursos/Rodrigues%20Alves%20-%20Manifesto%20Inaugural%201902.pdf/download>  
Acesso: Jul/2012.

<sup>3</sup> BENCHIMOL, Jaime. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1992, p.192.

<sup>4</sup> O'DONNELL, Júlia. *De olho na rua: a cidade de João do Rio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 25.

<sup>5</sup> Ao longo deste trabalho utilizaremos exclusivamente as crônicas da mencionada coluna da *Gazeta de Notícias*, onde Paulo Barreto assinada sob o pseudônimo de X. Apesar dele ter se tornado conhecido como João do Rio, optamos por não nos referirmos a ele assim, pois entendemos que os momentos de produção textual são diferentes e, por isso, podem corresponder a visões diferentes em relação às questões da cidade.

<sup>6</sup> O primeiro texto de Paulo Barreto como jornalista foi uma crítica da peça *Casa de Bonecas*, de Ibsen, publicada no jornal *A Tribuna*, em 1899.

pelas ruas da cidade aliada aos recursos literários. Tudo permeado por sua extrema passionalidade.

### **A PARADOXAL PERSONALIDADE DE PAULO BARRETO**

Antes de partirmos para a análise das crônicas de Paulo Barreto, é necessário que compreendamos, de forma geral, a híbrida personalidade do cronista, já que entendemos que elas são resultado da sua constante observação da cidade acrescida da mistura de influências que o formava. Filho de Dona Florência e do professor Alfredo Coelho Barreto, perdeu o irmão Bernardo Gutemberg, com doze anos, sendo ainda mais superprotegido pela mãe. Cresceu em meio ao tom positivista e moralista do pai, num momento em que circundavam pelo país as ideias abolicionistas<sup>7</sup>.

Luís Martins reproduz as palavras de Gilberto Amado (jornalista, advogado, escritor) para explicar como as influências dos pais de Paulo Barreto foram sintetizadas por ele. “Ela [a mãe] passou ao temperamento do filho todos os dengues, molezas, quindins, trejeitos e ademanos que o tornavam repugnante aos austeros. Do velho Barreto, o filósofo, lhe ficou a mania dos livros, que possuía e acumulava aos milhares”<sup>8</sup>. Martins completa, ainda reproduzindo as palavras de Amado:

Paulo Barreto quisera impor-se, tornar-se um cidadão conspícuo no conceito geral. Mas não podia. Dentro dele lutavam duas correntes: a do velho Barreto, o “filósofo”, professor, voltado para o saber e o recolhimento, e a de dona Florência, coberta de plumas e tilintante de balangandãs, sempre a pular dentro dele e a comandar silêncio ao velho Barreto na consciência do filho<sup>9</sup>.

Dessa fusão de influências formou-se Paulo Barreto. Com um estilo de escrita singular e extremamente irônico, colecionou inimizades ao longo de sua vida. Tanto é que, na sessão da Academia Brasileira de Letras, entidade da qual fazia parte, após a sua morte, nenhum dos oradores fez questão de fazer qualquer discurso de despedida como

<sup>7</sup> RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio - Vida, paixão e obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, pp. 23-30.

<sup>8</sup> AMADO, Gilbert. S/R. *apud* MARTINS, Luís. *João do Rio - Uma antologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008, pp. 11-12.

<sup>9</sup> Idem.

normalmente acontecia<sup>10</sup>. Já nas ruas, sua popularidade foi comprovada. Milhares de pessoas acompanharam o cortejo que seguiu do seu velório, na redação do jornal *A Pátria*, de propriedade do cronista, até o cemitério de São João Batista.

### **AS REFORMAS URBANAS – A TRANSFORMAÇÃO FÍSICA DA CIDADE**

Brito Broca<sup>11</sup> abre seu livro sobre a vida literária no Brasil no século XX estabelecendo a relação entre a remodelação de Paris e a do Rio de Janeiro. Na capital francesa, ele ressalta que as obras de modernização do Barão de Haussmann foram estratégicas, entre outros motivos, para evitar as barricadas que ocorreram nas revoluções liberais de 1830 e 1848<sup>12</sup>. Já na capital brasileira, Broca destaca que Pereira Passos traçou um plano para dar à cidade uma fisionomia europeia, com “ares” de progresso e civilização.

Ainda que não entremos no mérito da discussão da proposta de Haussmann, sabemos que a transformação implementada por ele em Paris serviu de modelo para o Brasil e outras cidades no mundo, como Buenos Aires e Viena. A construção dos bulevares era revolucionária para época e funcionava como um sistema circulatório urbano, com o tráfego fluindo em linha reta por toda a extensão do bulevar, eliminando as habitações populares e estabelecendo “espaços livres”, inclusive, para o movimento de tropas. Os mercados centrais, as pontes, o sistema de saneamento básico, o desenvolvimento cultural também integravam esse plano de modernização que estava sendo realizado em Paris<sup>13</sup>.

Toda essa transformação da capital francesa foi a inspiração de Pereira Passos para o Rio de Janeiro. A intenção era que o Brasil também adentrasse na era moderna e o

<sup>10</sup> JUNIOR MAGALHÃES, Raimundo. *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 380.

<sup>11</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975, p. 3.

<sup>12</sup> Eric Hobsbawm referindo-se ao período escreve: “Os Bourbon foram derrubados em Paris por uma típica combinação de crise do que se considerava a política da monarquia Restaurada e de intranquilidade popular devida à depressão econômica. Cidade sempre agitada pela atividade de massa, Paris em julho de 1830 mostrava as barricadas surgindo em maior número e em mais lugares do que em qualquer época anterior ou posterior. (De fato, 1830 fez da barricada um símbolo da insurreição popular. [...])”. HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções – 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013, p. 190.

<sup>13</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar – A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 180-181.

passo inicial tinha que ser dado pela sua capital. O prefeito comandou a construção da Avenida Central, o maior símbolo da modernização brasileira, ocorrida entre março de 1904 e novembro de 1905. Contudo, para isso, era necessário realizar várias demolições – o chamado “bota-abaixo” – e desapropriações, questões delicadas por se tratarem de desalojar milhares de pessoas pobres que moravam nos cortiços do centro e não tinham condições financeiras nem de pagar os caros aluguéis cobrados na região, nem de custear o deslocamento diário para o trabalho se optassem por morar na periferia da cidade.

Ainda que não ignorasse esses problemas, Paulo Barreto considerava imprescindível as demolições e a abertura da Avenida. A atmosfera cosmopolita da cidade, desejada pelo cronista e pela sociedade carioca, encontrava ali sua efetivação<sup>14</sup>. Ele via as demolições como uma solução de saneamento para o Rio de Janeiro, que entrecortado por ruelas estreitas ocupadas por cortiços, proliferava em focos de doenças epidêmicas como a peste bubônica e a varíola.

Mas tenho para mim que, para sanear o Rio de Janeiro, as poucas demolições feitas pela Prefeitura Municipal têm concorrido mais, muito mais, incomparavelmente mais, inconcebivelmente mais do que todas as desinfecções feitas por todas as Diretorias de saúde que têm florescido e brilhado até hoje<sup>15</sup>.

Para o cronista, a cidade que via nascer diante dos seus olhos caminhava, com todos seus problemas, para se tornar civilizada. Paulo Barreto retratava em suas crônicas esse movimento de transformação lento e gradual, direcionado dentro de uma lógica racional e, mais, fundamental para o desenvolvimento do país. “Comparai, e reconheceréis que já andamos cinquenta ou sessenta léguas; as cinco ou seis léguas que ainda devemos andar não nos matarão de fadiga. Coragem, amigos e irmãos! Daqui a bocadinho estaremos civilizados...”<sup>16</sup>.

Numa demonstração clara do seu entusiasmo com a construção da Avenida, e consequentemente com a modernização, Paulo Barreto abordou a temática em algumas de suas crônicas da coluna *A Cidade*. É interessante notar que, inicialmente, ele parece um pouco receoso com a sua efetiva realização. “Não quero dizer que a Avenida seja um

<sup>14</sup> SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando (coordenador-geral). História da vida privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 545.

<sup>15</sup> Gazeta de Notícias, A cidade, 20 de setembro de 1903, X., p. 2.

<sup>16</sup> Gazeta de Notícias, A Cidade, 17 de julho de 1903, X., p. 2.

projeto destinado a nunca passar de projeto. Mas as demolições não de consumir tanto tempo!”<sup>17</sup>. É clara a consciência do cronista sobre os muitos obstáculos existentes para a sua construção. Porém, assim que foram dados os primeiros passos efetivos para a construção da Avenida, ele dedicou um espaço em sua coluna para comemorar: “A Avenida Central já não é um sonho, porque a inauguração das obras vai ser feita daqui a poucos dias: e é natural e justo que, nessa avenida, entre os outros palácios do governo, figure o palácio das Belas Artes”<sup>18</sup>.

Vemos que a preocupação do cronista é bem mais ampla. Ele se preocupa com aspectos culturais, como a necessidade de ter um lugar adequado para que seja sediada a Escola Nacional de Belas Artes. Esta também era uma forma de mostrar o grau de desenvolvimento e civilização do Rio de Janeiro, uma vez que outras instituições como a Biblioteca Nacional e o Arquivo Público até então se encontravam em locais incompatíveis com a importância de sua existência para a história do Rio de Janeiro<sup>19</sup>. João Carlos Rodrigues ressalta que, posteriormente, foram abrigados na porção final da Avenida Central a Escola de Belas Artes, a Biblioteca Nacional, Supremo Tribunal Federal e o Teatro Municipal<sup>20</sup>.

A estética, para Paulo Barreto, também era fundamental na construção de uma civilização moderna. Escreveu: “O receio não é infundado, nem exagerado: todos estão vendo que, no Rio de Janeiro, as casas novas são, com poucas exceções, mais feitas do que as antigas”<sup>21</sup>. O cronista chegou a ponderar se de fato valia a pena construir novas casas se não fosse contratado um arquiteto capaz de deixá-las com uma aparência adequada, na sua concepção, ao novo momento da história da cidade. Também fez uma crítica ao o calçamento da cidade, evidenciando a comparação com a capital francesa.

Em um dos dias do mês passado celebrou-se, com efeito, em Paris, o centenário do *trottoir*. Foi em maio de 1803 que se construiu o primeiro *trottoir* na grande capital francesa; [...]. Até então, os “passeios” das ruas de Paris ficavam no mesmo nível do calçamento geral; - e quem quiser ter uma ideia da coisa feita, incomoda e perigosa que isso era, tem o recurso de contemplar o que é a nossa rua Gonçalves Dias, entre

<sup>17</sup> Gazeta de Notícias, A Cidade, 13 de junho de 1903, X., p. 2.

<sup>18</sup> Gazeta de Notícias, A Cidade, 2 de março de 1904, X., p. 2.

<sup>19</sup> O assunto foi abordado por ele na crônica do dia 20 de julho de 1904.

<sup>20</sup> RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio – Vida, paixão e obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 104.

<sup>21</sup> Gazeta de Notícias, A Cidade, 13 de junho de 1903, X., p. 2.

Ouvidor e Carioca, no ano da graça de 1903, um século depois da invenção dos passeios altos<sup>22</sup>.

A crítica presente na crônica é bem direta e, observando o restante do texto, percebemos sua inquietação com o assunto através do uso recorrente da ironia: “no Rio de Janeiro, até hoje, a rua tem sido propriedade e monopólio do carroceiro”; ou “Adotamos a moda cem anos depois da sua invenção. Não foi cedo: mas, ainda assim, sempre é bom render graças ao céu”.

Se por um lado, Paulo Barreto escrevia sobre as mudanças físicas da cidade, ele sabia que elas precisavam ser acompanhadas de uma transformação na sociedade. Eram necessários novos hábitos e costumes que, na sua concepção, fossem condizentes com a realidade moderna em construção na sociedade. Escreveu ele: “O progresso é implacável... A gente carioca não podia ficar eternamente amarrada aos velhos hábitos coloniais”<sup>23</sup>.

E assim ele defendeu em suas crônicas várias ações da prefeitura em prol dessa mudança de hábitos. Escreveu apoiando a proibição de se cuspir na rua (3 de junho de 1903), do entrudo (16 de fevereiro de 1904), e também da mendicância nas ruas (17 de junho de 1903), apesar da resistência da população. Nesta última crônica, escreveu: “De certo era vergonhoso ver cada uma das praças da cidade convertida numa ‘cour de miracles’, cheia de aleijados, de estropiados, de cegos, de manetas, de chagentos”<sup>24</sup>.

Essa imagem de uma cidade suja, desordeira não era compatível com a cidade civilizada e moderna desejada por Paulo Barreto. Por mais que ele não acreditasse que esses problemas fossem ser imediatamente resolvidos, era imprescindível que tudo aquilo que contrariasse a lógica moderna em construção fosse afastado da região central do Rio de Janeiro, capital federal e porta de entrada do país.

Por isso, ele apoiou veementemente aquilo que considerava um passo em direção a mudança. Elogiou a reforma do Passeio Público, que agora estava com “iluminação farta e música alegre”, com um lindo jardim com aspecto europeu, “frequentado por gente

<sup>22</sup> Gazeta de Notícias, A Cidade, 24 de junho de 1903, X., p. 2.

<sup>23</sup> Gazeta de Notícias, A Cidade, 23 de julho de 1903, X., p.2.

<sup>24</sup> Gazeta de Notícias, A Cidade, 17 de junho de 1903, X., p.2.

bem educada”<sup>25</sup>. A luz era vista por ele como um dos grandes símbolos da chegada da civilização ao Rio de Janeiro.

X. vai escrever também sobre a Inspetoria de Matas e Jardins, que estava plantando flores em locais públicos, sem colocar grades de proteção grosseiras. Contudo, ele não esperava que desde já as flores fossem respeitadas, mas que um ano antes seria impensável esse tipo de atitude por parte do governo. Ou seja, o fato desta ação ter partido de um órgão da prefeitura pode ser interpretada como uma comprovação de que o comportamento da população já estava mudando. E, assim, seria uma questão de tempo a mudança completa em direção da formação de civilização educada.

“Anteontem, em torno de estátua de Osório, a Inspetoria de Matas e Jardins começou a plantar craveiros, roseiras e amarantos já floridos. Não esperamos que essas flores sejam desde já rigorosamente respeitadas. Roma não se fez em um dia, - e um povo não se transforma moralmente, de *fond em comble*, em um ano... Mas, se, há pouco mais de um ano, nos vissem dizer que ia haver no Rio de Janeiro jardins abertos, nós todos sorriríamos, incrédulos e irônicos, com a certeza de que em menos de vinte e quatro horas esses jardins seriam espesinhados, revolvidos, destruídos pelos vândalos de pés no chão e cigarrinho atrás da orelha.”<sup>26</sup>

Intencionamos aqui mostrar a visão de Paulo Barreto sobre o Rio de Janeiro do início do século XX, considerando sua condição como contemporâneo dos acontecimentos. As crônicas da coluna *A Cidade* constituem um conjunto de fontes extremamente rico para a observação do processo de construção da *belle-époque* carioca. A sua leitura atenta nos envolve no movimento intrínseco àquele momento: mudanças, transformações, novidades, permanências. A cidade não para, assim como Paulo Barreto. E, por isso, percebemos diferentes nuances do mesmo Rio de Janeiro: uma cidade enferma, que mantém traços visíveis de atraso, e uma cidade em franca convalescência, como o próprio autor escreveu, com sinais evidentes de modernização.

As crônicas que Paulo Barreto escrevia travestido de X. podem, portanto, ser entendidas como as pinturas de Constantin Guys na Paris do século XIX: fruto de um “duelo entre, de um lado, a vontade de ver tudo de nada esquecer e, de outro, a faculdade da memória que adquiriu o hábito de absorver vivamente a cor geral e a silhueta, o

<sup>25</sup> Gazeta de Notícias, A Cidade, 5 de junho de 1903, X. p.1.

<sup>26</sup> Gazeta de Notícias, A Cidade, 1 de junho de 1903, X. p. 1.

arabesco do contorno”<sup>27</sup>. X. traduzia em crônica aquilo que os olhos de Paulo Barreto aprendiam, mesclando memória, anseios e realidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes

Gazeta de Notícias, A Cidade, 1 de junho de 1903, X. p. 1.

Gazeta de Notícias, A Cidade, 13 de junho de 1903, X., p. 2.

Gazeta de Notícias, A Cidade, 13 de junho de 1903, X., p. 2.

Gazeta de Notícias, A Cidade, 17 de julho de 1903, X., p. 2.

Gazeta de Notícias, A Cidade, 17 de junho de 1903, X., p.2.

Gazeta de Notícias, A Cidade, 2 de março de 1904, X., p. 2.

Gazeta de Notícias, A cidade, 20 de setembro de 1903, X., p. 2.

Gazeta de Notícias, A Cidade, 23 de julho de 1903, X., p.2.

Gazeta de Notícias, A Cidade, 24 de junho de 1903, X., p. 2.

Gazeta de Notícias, A Cidade, 5 de junho de 1903, X. p.1.

Gazeta de Notícias, A Cidade, X., 13 de junho de 1903, p.1.

### Bibliografia

AMADO, Gilbert. S/R. *apud* MARTINS, Luís. *João do Rio – Uma antologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

BAUDELAIRE, Charles. *O Pintor da Vida Moderna*. Concepção e organização Jérôme Dufilho e Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BENCHIMOL, Jaime. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1992.

<sup>27</sup> BAUDELAIRE, Charles. *O Pintor da Vida Moderna*. Concepção e organização Jérôme Dufilho e Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 40.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar* – A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975.

HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções – 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

JUNIOR MAGALHÃES, Raimundo. *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

O'DONNELL, Júlia. *De olho na rua: a cidade de João do Rio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio - Vida, paixão e obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. *A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*. In: NOVAIS, Fernando (coordenador-geral). *História da vida privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

